

INDESEJÁVEL

"Indesejáveis, indesejáveis, qual o país que deseja?" — perguntava o poeta Jorge de Lima. Nicolas Levitsky responderia, talvez, com displicência — "qualquer um".

Pela décima-segunda vez Levitsky passou ontem pelo porto do Rio a bordo do "B etagne"; é um russo branco de Shanghai que ficou sem nacionalidade, e que nenhum país do mundo quer receber. Tem seu beliche e tem comida, mas quando se aproxima de algum porto é francado na cabine. Não sabemos se Levitsky praticou algum crime; parece que não, porque nenhuma polícia do mundo o reclama; nenhuma também lhe permite o desembarque. A Organização Internacional de Refugiados é responsável pela sua passagem, e já está devendo 150 contos à companhia de navegação. Aborrecido e cansado de entrevistas, Levitsky faz feito os índios: só conversa com repórter que lhe dá cigarro ou dinheiro.

Será que neste Brasil tão grande não haverá lugar para um Levitsky? Acho que todos nós nos sentimos um pouco entristecidos e vagamente culpados pelo enorme egoísmo burocrático de nossas autoridades.

Temo: vontade de dizer: "Deixem o homem entrar! Afinal de contas já temos aqui tantos indesejáveis, nacionais e estrangeiros, que mais um, menos um, não vai alterar nada."

A passagem repetida desse homem, o olhar de tristeza e de ressentimento que pela vigia de seu camarote éle pela décima-segunda vez lança a nossas praias e montanhas — isso é alguma coisa que fere a nossa sensibilidade. Não dá um certo remorso repelir assim um ser humano, que nada fez contra nenhum de nós?

Sim, é verdade que as autoridades brasileiras não têm culpa. Outros países, a começar por aquele em que éle nasceu, repeliram Levitsky; e todo mês outros países o repelem quando o navio chega a um porto. Sim, não temos culpa. Ninguém tem culpa. E aí está exatamente o que é monstruoso, ne-se iôgo de burocracias internacionais: um homem está proibido de pisar a terra dos homens, um homem não encontra um solo em nenhuma parte deste planeta — e nem éle, nem ninguém tem culpa. Cada país empurra sôbre outro a responsabilidade — ou simplesmente se fecha em copas, atrás de suas leis — e lava as mãos.

Lava — mas as nossas mãos permanecem indefinidamente sujas. Repelimos nosso semelhante, negamos a um ser humano o direito primário de pisar no chão. Somos culpados e todo mundo é culpado. Os dois olhos ansiosos de Levitsky, brilhando na obscuridade de seu camarote, espionando o Brasil pela vigia, esses olhos de indesejável nos fazem mal. Éles nos acusam e nos humilham, e nos fazem sentir medíocres, hipócritas e cruéis. Deixem o homem entrar — que mal maior éle nos poderá fazer?

R. B.

8/4/54

102